



Um dos principais objetivos do **BOLETIM GTPOS** é estender o diálogo sobre o trabalho na área da sexualidade a um número cada vez maior de pessoas, grupos e instituições. Nesse 4º número procuramos ventilar novas e antigas idéias, debater questões fundamentais à nossa prática e divulgar trabalhos interessantes.

Recebemos com satisfação muitos comentários sobre o artigo “*O chute-chuete, a gominha e o imaginário sobre o uso da camisinha*”, publicado no **BOLETIM GTPOS** nº 3. Percebemos que relatos da experiência de trabalho mobilizam os educadores, estimulando-os a refletir sobre sua prática e compartilhar estas idéias.

Trazemos também a densidade das colocações do sociólogo Jeffrey Weeks, redimensionando idéias antigas, abrindo novas perspectivas conceituais na área da sexualidade.

Finalmente, terminamos com a boa notícia do lançamento de mais uma publicação assinada por membros do GTPOS, que esperamos, possa contribuir com o trabalho de tantos educadores que nos escrevem solicitando material!

Orientação Sexual e Educação Sexual

por Maria Cristina Domingues Pinto

O tema da sexualidade gera sempre muita polêmica. Discussões realizadas por profissionais da saúde colocam em pauta a necessidade de se homogeneizar a terminologia que designa os trabalhos da área: orientação, educação, informação sexual e outros. Argumenta-se que a falta de padronização provoca muita confusão e que a imprecisão terminológica compromete a qualidade da produção científica e o avanço do corpo teórico deste campo do conhecimento. Indicam ainda que se deva priorizar o termo educação sexual em relação aos demais, apontando incoerências e diferenças encontradas nas tentativas de classificação dos termos em questão.

No entanto, nos parece mais fundamental do que eleger este ou aquele nome, discutir, isto sim, as propostas metodológicas que embasam esses diferentes trabalhos,

pois é a partir delas que se poderá construir um verdadeiro corpo teórico e uma terminologia consistente.

O GTPOS há oito anos vem desenvolvendo um trabalho sobre sexualidade no âmbito da educação. Para tal, emprestou da pedagogia o termo **Orientação**, por designar um processo sistemático e continuado de intervenção instrumental, que muito tem nos ajudado no desenvolvimento de nossa prática.

Como a própria definição sugere, não se trata de um fenômeno episódico, como uma palestra ou uma atividade isolada, mas sim, de abrir o canal para um debate permanente com crianças e adolescentes acerca das questões da sexualidade. A contrapartida é o estudo e a preparação continuada dos educadores envolvidos no processo. Portanto, na escola

continua na página 2 ►

**Orientação
é um processo
sistemático
de intervenção**



EVENTOS

Encontro Internacional "Sexualidade e Cidadania"

9 a 12 de agosto de 1995
Belo Horizonte/MG
tel. (031)273-5788
fax.(031)273-1540

V ENA – Encontro Nacional de Adolescentes

1 a 5 de outubro de 1995
Campinas/SP
tel.: (0192) 35.0477 ramal 471

IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher

4 a 15 de setembro de 1995
Pequim / China
informações CFEMEA:
tel: (061) 225.1664
fax: (061)225.2336

Fórum de ONG's

30 de agosto a 8 de setembro
Pequim - China
inf.:(021)246.0788
fax: (021)286. 1209

2

C A P A

Orientação Sexual e Educação Sexual

▶ **continuação** é possível desenvolver uma ação diferente da educação sexual informal que acontece em todos os espaços sociais.

Na família, a construção da sexualidade ocorre de forma espontânea e consciente/inconsciente, estruturando a personalidade, o ser social e sexual do indivíduo, com seus valores, temores, preconceitos e posturas.

Na escola, através de uma intervenção pedagógica formal e sistematizada, cria-se um espaço privilegiado para que a construção original familiar e de outros atores sociais (amigos, mídia) possa ser confirmada, desconfirmada, construída em alguns momentos, reconstruída e ressignificada em outros.

Entendemos que cabe à Orientação Sexual propiciar uma visão ampla e profunda da sexualidade humana, favorecendo a reflexão sobre a mesma, assim como estimular a liberdade de expressão abarcando os contextos social e político, nos quais a discussão sobre a sexualidade está inserida.

Através desta intervenção processual na escola visamos:

◆ Preencher as lacunas de informação existentes;

◆ Criar espaço para discussão das emoções contidas em valores que dificultam a assimilação das informações;

◆ Trabalhar tabus e preconceitos que frequentemente se instalam por medo e insegurança subjacentes;

◆ Problematicar questões levantadas pelo grupo.

Um clima acolhedor e democrático, com o qual nos propomos trabalhar, gera efeitos terapêuticos que vão além da simples transmissão e aquisição de informações. Propicia vínculos mais significativos entre alunos e destes com os professores, ampliando a consciência sobre si mesmo e de si em relação a seu grupo de pertença, consciência esta, tão necessária à convivência social e ao desenvolvimento da cidadania.

Numa perspectiva democrática, pensamos que as diferenças teóricas e ou terminológicas surgidas em decorrência de diferentes práticas devem ser mantidas, pois são resultado de trabalhos diversos, fruto da vivência e apreensão de cada grupo.

Aceitar a diversidade e a pluralidade encontradas na realidade, ao invés de combatê-las e tentar formatá-las, é a melhor forma de legitimar a essência de cada trabalho, a despeito de como o nomeamos.

E S P A Ç O D O E D

Um esforço conjunto em Itumbiara, Goiás

Coordenadoras do Projeto de Orientação Sexual da Prefeitura Municipal de Itumbiara/GO.
Marta Rezende Spini e
Melissandra Guimaraes Fernandes

A partir da preocupação do Secretário Municipal da Saúde de Itumbiara/ Goiás, Dr. Ciro Garcia, com a prevenção de AIDS e DST e da proposta do Departamento de Psicologia e Saúde Mental do Hospital Municipal em desenvolver esta ação inserida num trabalho de sexualidade, surgiu uma parceria entre as Secretarias de Saúde e Educação, viabilizando um

projeto pioneiro no interior de Goiás.

O passo inicial foi a capacitação de dois profissionais no GTPOS, em São Paulo. A título experimental, a implantação foi feita nas 5^{as} séries de três escolas municipais e uma entidade filantrópica, escolhidas estrategicamente para atender diferentes perfis sociais.

Nos preparamos para a reunião com pais, receosos com relação a postura da

família interiorana frente à sexualidade. A experiência nos surpreendeu, pois a autorização dos pais foi quase unânime.

Após seis meses de treinamento inicial às professoras, com reuniões semanais de três horas, a aquisição de um biblioteca e videoteca básica e supervisões no GTPOS, iniciamos as aulas no 2º semestre de 1994. Nessas primeiras três escolas, o projeto abrange hoje 610

LANÇAMENTO

Sexo se aprende na escola

por Maria Cecília Pereira da Silva

Os membros do GTPOS lançam no segundo semestre de 1995 o livro "Sexo se Aprende na Escola" pela editora Olho D'Água, fruto da experiência de projetos de Orientação Sexual implantados em escolas públicas e particulares.

Este livro é um instrumento pedagógico e didático para o professor no trabalho de Orientação Sexual com adolescentes. Discute os temas mais polêmicos e de maior interesse e curiosidade dos jovens que participam de aulas de Orientação Sexual, tais como: a primeira vez, o corpo nosso de cada dia, homossexualidade, aborto, relações de gênero, AIDS.

Além disso orienta o professor que deseja implantar esse tipo de trabalho em sua escola e oferece uma série de atividades que podem ser desenvolvidas com os alunos em cada tema. O livro ainda conta com uma bibliografia básica e uma específica, e com sugestões de vídeos e jogos.

Aguarde e não perca o lançamento!!!

EVENTO
O GTPOS vai à África, ministrar o curso "Fundamentos da Sexualidade", para educadores de Cabo Verde. Em breve mais notícias!

alunos, de 5ª a 8ª série, e as aulas são ministradas por cinco professores, supervisionados semanalmente.

No início de 1995, o entusiasmo cresceu e o GTPOS veio a Itumbiara ministrar o curso de capacitação para 30 pessoas. O objetivo é que em 1996 todas as escolas municipais de Itumbiara, inclusive da zona rural (total de 22 escolas), tenham implandado o projeto.

Os resultados já são

visíveis: apesar da dificuldade na adoção da metodologia participativa, o relacionamento entre os alunos melhorou. Em se tratando de uma adolescência castigada por fatores sócio-econômicos a Orientação Sexual tem contribuído para melhoria da auto-estima e incentivado a participação individual em debates, com o aumento da criatividade e do poder de reflexão do adolescente.



GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL: SEU USO EM QUESTÃO

por Ana Lúcia Naletto e Lélia de Cássia Faleiros

As crianças, genuínas e curiosas, manifestam sua sexualidade natural das mais diversas formas e foi o contato com estas crianças e o fato de estarmos atentas para essas manifestações, vistas muitas vezes como distúrbios, que nos despertou para o trabalho de Orientação Sexual na escola. Somos psicólogas escolares e trabalhamos com crianças na faixa etária de 5 a 11 anos.

Sabíamos desde o início que propor, junto aos professores, um trabalho de Orientação Sexual não seria uma tarefa simples, pois estaríamos esbarrando a todo momento em nossos preconceitos, angústias e em nossa própria sexualidade.

Além de oferecer um espaço de discussão aos professores que proporcionasse momentos de reflexão e conhecimento sexual, precisávamos estruturar o trabalho, delineando os objetivos gerais e definindo uma metodologia.

Neste ínterim tivemos contato com o **Guia de Orientação Sexual** – GTPOS, ABIA, ECOS, SIECUS, Ed. Casa do Psicólogo, 1994, por ocasião do seu lançamento e o mesmo nos pareceu um rico instrumento que

poderia sinalizar nosso trabalho junto aos professores. Os temas didaticamente estruturados e as mensagens a serem desenvolvidas, organizadas por faixa etária, asseguram o início do trabalho propriamente dito. A partir de então, ler e discutir o **Guia** passou a ser a porta de entrada para os professores problematizarem situações e vivências relacionadas à sexualidade.

Foi através do **Guia** que desmistificamos a idéia de que o trabalho de O. S. direcionava-se somente para uma abordagem de questões sexuais ligadas a genitalidade. Ganhamos, também, uma visão mais ampla e a possibilidade de transitar por temas que guardam íntima relação com a sexualidade como amizade, amor, família, saúde, etc...

Nossa preocupação hoje é não perdermos de vista que o **Guia** não é um fim em si mesmo. É indispensável que os professores adquiram autonomia para criar e planejar estratégias que tragam à superfície, discussões e construções sobre o conhecimento sexual. O **Guia** sozinho se torna um material improdutivo e estéril;

sua opulência reside na possibilidade de germinar constantes discussões e descobertas.

◆
O Guia de Orientação Sexual é uma publicação do GTPOS / ECOS / ABIA



CURSOS

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com Adolescentes

25, 26 e 27 de Agosto/95
27, 28 e 29 de Outubro/95

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com Crianças

22 e 23 de Setembro/95

Orientação Sexual para Pais

14, 21 e 28 de Setembro/95
5 de Outubro/95

Aids Previne-se

24, 25 e 26 de Novembro/95
Gratuito / Vagas limitadas

Inscrições pelos telefones:
(011) 822.8249 ou 822.2174

BOLETIM GTPOS

é uma publicação trimestral do
GTPOS - Grupo de Trabalho e
Pesquisa em Orientação Sexual
Rua Monte Aprazível, 143
Vila Nova Conceição
04513-030 São Paulo/SP - Brasil
Fone (011) 822.8249
Fax (011) 822.2174

EQUIPE DO GTPOS:

Presidente de Honra: *Marta Suplicy*

Presidente:

José Luiz Brant de Carvalho

Vice-Presidente:

Ivone do Canto Almeida

Antonio Carlos Egypto, Córdélia de
Souza Castelo Branco, Dalva Taveira
Menocci, Elisabeth Bahia Figueiredo,
Elisabeth Maria Vieira Gonçalves,
Francisca Vieitas Vergueiro Vonk,
Maria Aparecida Barbirato, Maria
Cecília Pereira da Silva, Maria Cristina
Machado da Costa, Maria Cristina
Domingues Pinto, Maria da Glória
Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva,
Ricardo de Castro e Silva, Rosângela
Maria Rigo, Silvio Duarte Bock e Yara
Sayão. **Secretaria:** Lane Ferreira
Magalhães e Sueli Rodrigues Paz

Colaboraram nesta edição:

Antonio Carlos Egypto, Elisabeth Bahia
Figueiredo, Francisca Vieitas Vergueiro
Vonk, Maria Aparecida Barbirato, Maria
Cecília Pereira da Silva, Maria Cristina
Domingues Pinto.

Apoio: Fundação MacArthur
Jornalista responsável: Nelma de
Fátima Firmiano (MTB 13582)
Projeto Gráfico e Edição de Arte:
Moema Kuyumjian
Impressão: Gráfica Colortek
Tiragem: 3.000 exemplares

Novos paradigmas da sexualidade

por Antonio Carlos Egypto

O Colóquio “Los Nuevos Paradigmas de la Sexualidad”, realizado na cidade do México, no início de 1995, promovido pelo Programa Salud Reproductiva y Sociedad (El Colégio de México) e Red Genesys (Asociación Mexicana de Educación Sexual A.C.) trouxe questionamentos muito ricos para quem trabalha na área.

O destaque do encontro foram três palestras proferidas pelo sociólogo britânico Jeffrey Weeks, que problematizou consistentemente sobre a revisão dos paradigmas que orientam nossa compreensão da sexualidade humana. A partir da análise histórica, podem-se identificar os referenciais que orientam a construção cultural da sexualidade e suas transformações até nossos dias, onde a diversidade sexual se impõe, novas e mutantes identidades se estabelecem e a AIDS abre amplas possibilidades de mudança na batalha política, enfrentando o conservadorismo e o tabu da morte na sociedade ocidental.

A sexualidade, como construção histórica, comporta diferentes visões e significados, gerando teorias que pautam nossas ações. O sexo já foi visto como força conquistadora que exige satisfação, como determinante da nossa existência, como algo que penetra a pessoa em toda sua totalidade, como parte da construção de sua personalidade e determinador de identidades. Esta visão masculina, penetrativa, foi relativizada pela sexologia, que tratou de legitimar a sexualidade feminina, embora o modelo predominante permaneça, já que a mulher responde ao homem, na visão dos primeiros sexólogos. Estas idéias tiveram grande impacto quando transformadas em linguagem científica. Compreender uma pessoa era compreender sua sexualidade. As pessoas são definidas por seus desejos e identidades sexuais, inventos históricos produzidos pelos países desenvolvidos.

Todos buscam regular nossas atividades e desejos corporais: a Igreja, o Estado, a Medicina, a Educação, os Movimentos Feministas, etc. Às forças de regulação da Igreja e do Estado se opõem as forças de resistência social, abrindo-se o campo para o debate, o equilíbrio de forças e o próprio combate. Novos conceitos e significados vão surgindo daí.

Antropologia social e a sociologia trazem a consciência de uma grande variedade de padrões culturais da sexualidade, suas pesquisas concretizam a diversidade. Freud e a psicanálise, codificam a fruição sexual, falam (da diversidade) de desejos bissexuais e perversos e ainda do descontrole na formação da identidade de gênero.

Há uma nova política com o feminismo e os movimentos gays, que desafiam certezas e oferecem novos panoramas. O conceito de gênero procura dar conta das mutações permanentes nos jeitos de ser homem ou mulher, ao longo do tempo. O controle social da sexualidade, na sociedade ocidental, fixa padrões de normalidade, institucionalizando a heterossexualidade como norma. Conceitos como homo e heterossexualidade, que são recentes na história, assim como o de gênero vão sendo superados em sua lógica binária, em busca do polisssexual.

A identidade se tornou cada vez mais política, já que associada a sexualidades diferentes, pôde se tornar resistência, com um forte sentido de individualidade frente à convenção social. Como não há necessariamente conexão entre o que sentimos e como nos identificamos, a identidade surge como opção. Identidades podem ser opções difíceis – estratégias e políticas.

O pluralismo se impõe neste final de século XX, convivendo com a crise moral e cultural trazida pela AIDS. É necessário abandonar a busca de valores firmes e definitivos, discursivos. Entendê-los, repensá-los. Reconstruí-los, sim, mas com todas as incertezas.